

CADERNOS DO CEIS20

AS RELAÇÕES JUGOSLAVO-PORTUGUESAS (1941-60)
NOS ARQUIVOS DE BELGRADO

N.11, 2009

JORGE SANTOS CARVALHO

CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO SÉCULO XX

CADERNOS DO CEIS 20

JORGE SANTOS CARVALHO

AS RELAÇÕES JUGOSLAVO-PORTUGUESAS
(1941-60)
NOS ARQUIVOS DE BELGRADO

COIMBRA
2009

Os Cadernos do CEIS20 são publicados pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra-CEIS20. Esta publicação, de pequena dimensão, tem por objectivo dar a conhecer resultados parciais ou finais de pesquisas realizadas no âmbito deste Centro e reflectem, por isso, a actividade de investigação efectuada. Os trabalhos publicados têm que ser inéditos e devem incentivar o debate de temas e de problemas do século XX.

Os Cadernos do CEIS20 são sujeitos a arbitragem científica

Coordenação Científica: João Rui Pita

Coordenação Editorial: Isabel Maria Luciano

AS RELAÇÕES JUGOSLAVO-PORTUGUESAS (1941-60) NOS ARQUIVOS DE BELGRADO

Autor: Jorge Santos Carvalho

Edição: CEIS20, Coimbra

Telefone: 239 708870 | Fax. 239 708871

E-Mail: ceis20@ci.uc.pt

URL: www.ceis20.uc.pt

Capa: Gonçalo Luciano

Impressão e acabamento: Imprensa de Coimbra, L.da

Depósito legal: 295099/09

ISBN: 978-972-8627-14-0

Jorge Santos Carvalho – é licenciado e mestre da Universidade de Belgrado. Actualmente, é bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em Belgrado e colaborador do CEIS20.

Nota de Apresentação

O estudo deste período das relações jugoslavo-portuguesas (1941-60) integra pesquisa mais vasta, efectuada em vários arquivos de Belgrado, que abrangeu os anos seguintes até 1978. Por razões de edição — as páginas a mais assim obrigam —, o texto relativo a esta segunda parte será publicado em próximo Caderno do CEIS20.

As fontes repartem-se por três distintos períodos e um (quase) inter-regno (1949-60). Um primeiro período (1941-48) está ligado às actividades da legação jugoslava em Portugal durante a II Guerra Mundial e no pós-guerra. O mencionado interregno é explicável pela suspensão das relações diplomáticas (Abr./48) e partidárias (também, nesse ano, entre o PCP e PCJ). A partir de 1961, num segundo período surgem os apoios à oposição anti-fascista (FPLN, PCP e ASP/PSP) e à luta pela independência dos movimentos de libertação das colónias portuguesas. O terceiro destes períodos abarca o *25 de Abril* e a descolonização.

Registos relevantes destas quatro décadas do século passado encontram-se em alguns fundos de três arquivos de Belgrado — Arquivo da Jugoslávia (AJ), Arquivo Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros (AD MNE) e Arquivo Iosip Broz Tito (AIBT). Há, neles, mais de quinze mil páginas de documentos¹. Quanto às datas: a primeira (Fev. /41) é da

¹ Este número é aproximativo, mas não peca por exagero. O estado de alguns fundos sem páginas numeradas, a repetição de documentos e o tempo necessário para uma contagem mais precisa levaram só a considerar este total a partir das

reabertura da legação do Reino da Jugoslávia² em Portugal; e a segunda foi imposta pela legislação arquivística³ em vigor.

Outro tipo de documentação encontra-se: as fotografias nos acima citados arquivos; os filmes na Secção de Documentação da Radiotelevisão da Sérvia (RTS) e no Arquivo da *Filmske Novosti*. Aqui, é de salientar a oferta de cópias de uma pequena selecção desta documentação⁴ por parte de alguns destes arquivos (ADMNE, AIBT e RTS) ao Centro de Documentação do 25 de Abril (CD25A).

Estas notas são resultado de uma pesquisa nestes arquivos, que foi possível graças a uma bolsa de investigação da Fundação Calouste Gulbenkian, integrando um plano de publicação de uma colectânea (tradução, apresentação e notas) de documentos que, em breve, poderá estar à disposição dos leitores interessados.

Igualmente, esta chamada de atenção para os citados arquivos procura dar a conhecer a existência de fontes pouco conhecidas e merecedoras de maior estudo. Esperando que assim seja e tal aconteça, passemos a uma descrição mais pormenorizada destes fundos que, sem dúvida, representam um valioso contributo para o estudo deste segmento da História do Século XX dos dois países.

páginas de documentos numeradas ou copiadas. Quanto às línguas, além do sérvio-croata, há correspondência e imprensa em português, francês e inglês.

² O Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos foi proclamado, em 1/Dez./1918, em Belgrado. Esta designação deu lugar, em 1929, à do Reino da Jugoslávia. Em Maio de 1945, chegaram a Lisboa os primeiros diplomatas da Jugoslávia Democrática Federativa, meses depois, República Federativa Popular da Jugoslávia. De 1963 a 1992, designou-se República Socialista Federativa da Jugoslávia (RSFJ). Após a desintegração da federação jugoslava, surgiu uma RFJ, reduzida à Sérvia e Montenegro, que desapareceu após uma confederação entre estas repúblicas (2003-06).

³ O acesso a qualquer documento e sua reprodução são permitidos após 30 anos da sua data.

⁴ Quarenta fotografias e quatro horas de documentários, notícias e reportagens televisivas.

I – A legação jugoslava (1941-48)

Como na I Guerra Mundial, a Sérvia e Portugal foram aliados, o consulado honorário sérvio⁵ foi elevado a legação (Out./17). Funcionou até 1920, quando por motivos orçamentais foi encerrada, passando as suas funções a ser efectuadas pela legação em Madrid. Esta situação manteve-se até 1941, quando foi reaberta, em Fevereiro, com a chegada de um diplomata a Lisboa. A ocupação alemã da França (Jun./40) e a insegura neutralidade jugoslava tornaram essa reabertura ainda mais premente. A invasão e ocupação da Jugoslávia pelos exércitos do Eixo (Abr./41) assim a comprovaram. Se, entre as duas guerras mundiais, as dezenas de páginas de documentos reflectem os reduzidos contactos políticos e económicos jugoslavo-portugueses, a partir de 1941, essas páginas passam a muitas centenas por ano e traduzem um novo período nessas relações.

Mas, voltemos a essa tarde de 10 de Fevereiro desse 1941, quando Slavko Koiitch (ex-conselheiro da embaixada na França de Vichy), o novo encarregado de negócios, chegou à capital portuguesa, vindo de Madrid. Ali, encontrou-se com o ministro plenipotenciário (Iovan Dutchitch⁶), então, também acreditado em Portugal. Hospedou-se no Hotel Tivoli, na Avenida da Liberdade, enquanto não encontrou as instalações necessárias⁷ para a chancelaria e residência da legação. Nos dias seguintes, foi ao Palácio das Necessidades e contratou um funcionário local. Como não pôde contar com a ajuda do cônsul honorário «*Sr. Matta*⁸», pediu um crédito mensal de 50

⁵ As relações diplomáticas sérvio-portuguesas começaram com a visita (Out./1882) do Visconde de Valmor a Belgrado, capital do Reino da Sérvia.

⁶ Escritor e diplomata (1872-1943). Devido a essas funções, esteve algumas vezes em Lisboa, donde partiu para EUA. Há a transliteração do seu nome *Jovan Dučić*, como de todos os outros em sérvio-croata.

⁷ Até Março de 1942, na Avenida da Praia da Vitória, 50/2º Esq. Depois: Calçada da Estrela, 77; de 1945-1948, na Rua de Santa Ana à Lapa, 11 B/C.

⁸ Filho de José Caeiro da Mata, professor da Faculdade de Direito de Lisboa, diplomata e ministro dos Negócios Estrangeiros (1947-50).

dólares (cerca de 1250 escudos) para o «*Sr. Pacheco*»⁹. Este passo, dado sem a autorização do seu Ministério, justificou-o com as dificuldades da correspondência em português — única língua usada pelas instituições oficiais ou particulares — e aos inúmeros contactos que aumentavam de dia para dia. Realmente, algumas empresas jugoslavas pediram-lhe informações sobre o destino de várias mercadorias das colónias portuguesas (cacau, óleo de palma, etc.), cuja recepção apresentava atrasos já demasiado grandes. Tinha, ainda, os assuntos consulares. «*Embora a nossa colónia em Portugal*» fosse insignificante (dois futebolistas, um ex-marítimo e alguns frades salesianos), escreveu para Belgrado, havia os problemas com os jugoslavos «*vindos da Inglaterra, África do Sul e América, de passagem a caminho da Jugoslávia*». Todavia, os problemas eram poucos e de fácil resolução.

I.1 - A guerra (1941-45)

A II Guerra Mundial continuava e, em Abril de 1941, o Reino da Jugoslávia foi atacado e ocupado pelos exércitos do Eixo¹⁰. Assim, Lisboa tornou-se num dos pontos mais importantes para o Governo do Reino da Jugoslávia no Exílio e as centenas de jugoslavos a caminho dos continentes americano e africano (em barcos portugueses), e de Londres. Um deles, Milenko Popovitch, escreveu: «*Após a chegada a Lisboa, capital de Portugal, depois de Roma às escuras e com medo, aos jugoslavos, refugiados da Itália, parecia, olhando a cidade iluminada, rica de tudo, agitação nas ruas e enormes navios transatlânticos no porto do rio Tejo, como tivessem chegado à terra prometida*»¹¹.

⁹ Este possível informador da PVDE ali trabalhou até Maio de 1945.

¹⁰ Na madrugada de 6 de Abril, sem declaração de guerra, a aviação alemã bombardeou Belgrado. Alguns milhares de mortos e feridos. Outros tantos edifícios destruídos ou danificados. Entre eles, a Biblioteca Nacional que ardeu com os seus 500 000 livros, milhares de manuscritos, gravuras, jornais, revistas e o arquivo de documentos turcos e outros.

¹¹ Popović Milenko, *Crnjanski i Dučić između dva sveta (Tsrnhanski e Dutchitch entre dois mundos)*, Belgrado, 2000. Jornalista em Roma, ajudante de Tsrnhanski, foi

Além das ligações marítimas e aéreas com a Grã-Bretanha e os EUA, a capital portuguesa transformou-se num centro de variadas actividades, que iam desde a compra e envio de encomendas (produtos alimentares) para os jugoslavos nos campos de prisioneiros de guerra da Alemanha e Itália, à recolha de informações sobre a situação político-militar na Jugoslávia através dos refugiados que ali chegavam.

A nomeação de Koiitch foi também oportuna, pois o reconhecimento diplomático do Estado Independente da Croácia (EIC), em Junho desse ano, por parte do governo de Franco, conduziu quase a um corte de relações diplomáticas. Por causa da passagem pelo território espanhol até Lisboa, como pelas ligações com o consulado em Marselha e a legação em Berna, optou-se por uma solução menos radical, mantendo-se ali, até 1945, um funcionário diplomático (Lhubicha Vichatski), após a saída de Dutchitch para Lisboa — daí para os EUA¹² — e dos outros funcionários para o Reino Unido. Um deles, Predrag Milosavljevitch Pedja, tornou-se anos mais tarde num conhecido pintor. Por causa de um visto britânico mais demorado, viveu vários meses, acompanhado da mulher, no Estoril.

Pelos motivos atrás mencionados, Portugal foi, com a Turquia, uma das portas que nunca se fechou a pessoas e informações. Depois, enquanto uma estava só a umas horas de avião do Reino Unido, a outra ficava perto da Jugoslávia. Outro pormenor importante foi o facto de Salazar nunca ter reconhecido diplomaticamente o EIC.

depois, após a sua chegada a Portugal (Mai./41), adido de imprensa na legação até meados de 1943. Em Belgrado (1982), tivemos longas conversas (não gravadas) acerca desses anos que ele viveu em Lisboa.

¹² Viveu algum tempo, em Lisboa, «[...] num grande hotel na Avenida da Liberdade», tendo partido, possivelmente, em meados do Verão desse ano. Na partida do hidroavião, esteve Milenko Popovitch, que a descreveu no seu citado livro. Algumas das suas páginas são dedicadas a esta estada — passeios pelas ruas de Lisboa e pelo Estoril, os conflitos com os seus conselheiros (Vichatski e Koiitch), etc. —, que não foi referida na correspondência da legação.

Devido à imposição do III Reich e tentando salvaguardar a neutralidade, o governo jugoslavo assinou, em Viena (25/Mar./41), a sua adesão ao Pacto Tripartido. Dois dias depois, grandes manifestações nas ruas belgradenses e um golpe de Estado, apoiado pelo Reino Unido, anularam essa decisão. A resposta foi o bombardeamento de Belgrado pela Luftwache (6/Abr.), seguida da invasão do território jugoslavo por quatro exércitos (alemão, italiano, húngaro e búlgaro) e a rendição (17/Abr.).

O novo governo, presidido pelo general Duchan Simovitch, e o jovem rei Pedro conseguiram chegar à Palestina. Em Junho, estavam em Londres, após uma viagem de avião por Cartum, Lagos e Lisboa. Na capital portuguesa, em meados de Junho, alguns ministros — Iovan Iovanovitch (futuro presidente do II e III governos no exílio), Milan Grol e Iurai Krnhevitch — «[...] *ali repousaram, após o voo através da África, num hotel de terceira categoria*». Uma estada que um deles aproveitou para ir ao dentista e fazer uma dentadura, e «[...] *o mesmo fez também o nosso embaixador em Madrid, o nosso grande poeta Dutchitch. Por isso, Grol não podia compreender Dutchitch, nem Dutchitch a Grol, quando Dutchitch perguntava quem morreu em Belgrado. Separaram-se, furiosamente, e nunca mais se viram na vida*». Quanto ao Iovanovitch¹³, dizia «[...] *que ele ficaria com muito gosto em Portugal. Como é belo, em Portugal.*»

Durante esse mês de Abril, Koíitch deu uma conferência de imprensa e pediu vistos de entrada e o apoio do governo português para os diplomatas e outros cidadãos jugoslavos que se encontravam em Itália e Alemanha. De Roma, chegou a Lisboa, em 7 de Maio, um comboio especial com 95 passageiros¹⁴. Uns ficaram como funcionários da legação ou refugiados e outros à espera de um visto, que durou meses a ser concedido, para continuarem a sua viagem para o Reino Unido.

¹³ M.Tsrnhanski, *Embaixadas*, Belgrado, 1983. V. também Milenko Popovitch, *op.cit.*, p.81. Estas viagens não se encontram mencionadas na correspondência da legação.

¹⁴ Ou 92, num outro documento. Entre eles, havia 12 diplomatas, 20 funcionários, 5 militares, 2 polícias, 4 jornalistas, 9 estudantes, 35 familiares e 5 criadas.

I.1a – O «caso Trpkovitch»

Entre os primeiros, onze deles estiveram mais de um ano ou ficaram em Portugal. Além do citado Milenko Popovitch, Borko Trpkovitch e sua mulher suicidaram-se (Ago./42) por causa dos setenta mil escudos da legação perdidos na roleta do Casino do Estoril por este seu secretário¹⁵. A imprensa diária publicou pequenas notícias com títulos, como o do «FALECIMENTO/de um diplomata e de sua esposa» (Diário da Manhã, 13/Ago./42) ou da «MORTE DO SECRETÁRIO/da Delegação da Jugoslávia/ e sua esposa» (O Primeiro de Janeiro, 14/Ago./42) ao «O CASAL ESTRANGEIRO/que apareceu morto na sua residência foi ontem sepultado» (Diário de Lisboa, 16/Ago./42). Em muitas delas não aparece a causa da morte, mas não nesses tempos sabia-se que a palavra suicídio não era muito recomendada pela Censura.

Dois dias depois, um ministro do Governo Real, Miha Krek, veio a Lisboa e — num relatório de 9 páginas sobre esta tragédia e a situação de outros seus compatriotas em Portugal — escreveu, entre diversas informações, o seguinte: «[...] Acerca do defunto Trpkovitch ouvi que jogava constantemente no casino e vivia acima da sua posição e possibilidades. Tinha automóvel, comprava gasolina no mercado negro e no jogo perdeu pelo menos cinco vezes tantas quantias, quanto ganhava por mês¹⁶. Publicamente, perante todo o mundo, declarava as suas simpatias pelos alemães, mostrava uma tabaqueira que lhe ofereceu o chefe do «Pressbureau» de Berlim, Sr. Dietrich, e foi visto na companhia de pessoas, que pertenciam a serviços inimigos, e até com aqueles que chegavam a Lisboa de países inimigos e para eles voltavam».

¹⁵ Outro suicídio: Bócheko Hristitch, o ministro plenipotenciário em Itália, pediu a reforma, após ter chegado a Lisboa, e partiu para a Suíça, onde estava a família. No Outono desse ano, enforcou-se.

¹⁶ Como ganhava 6 318\$50 (254 dólares) por mês, essas «cinco vezes» referiam-se a perdas ocorridas noutros fins de semana, dias habituais em que jogava no Casino do Estoril. Segundo Koiitch, o desfalque começou com três levantamentos no montante de 67 mil escudos, efectuados só a partir de 20 de Julho, quando suspeitou que seria chamado a Londres e começou a perder grandes quantias.

Estas simpatias eram do conhecimento dos serviços secretos britânicos, que as comunicou ao MNE jugoslavo e «*exprimiou, verbalmente, o desejo que o secretário dessa Legação Real*» fosse transferido e chamado a Londres. Numa carta (18/Jul.), o ministro adjunto comunicou a Koíitch estas acusações e perguntou-lhe a sua opinião sobre este assunto, que as desmentiu (7/Ago.) e considerou como «*consequências das intrigas do adido de imprensa Popovitch*». Terminou esse telegrama, defendendo Trpkovitch, como um «*verdadeiro funcionário*».

Voltando ao relatório de Miha Krek, lê-se: «*O defunto Trpkovitch gozava da total confiança do Sr. Koíitch, tratava de todos os assuntos de secretaria, geria a cifra e a tesouraria, apesar da legação ter um segundo tesoureiro, o Sr. Tasitch. Ele e o citado português¹⁷, que é empregado da legação, estavam autorizados, em nome da legação, a levantar dinheiro no banco. [...] o desfalque elevou-se a 73.000 escudos. O Sr. Trpkovitch sabia que, em Londres, se propagavam algumas pequenas notícias contra ele e estava ao corrente de tudo o que era acusado. Segundo o tenente-coronel Voinovitch¹⁸, declarou alguns dias antes da sua morte, que estava numa situação da qual não havia saída. Outros disseram-me, que não queria ir a Londres, apesar que oficialmente só foi informado que ia numa missão qualquer e não que fora transferido. No dia da sua morte, anteriormente telefonou talvez umas seis vezes e, depois dessas conversas telefónicas, cerca das 10,45 da manhã, com um tiro de revólver matou a mulher e a si próprio. A mulher deixou três cartas, nas quais diz, que decidiu com o seu marido em ir voluntariamente para a morte e despediu-se dos pais,*

¹⁷ Referia-se ao «*Sr. Pacheco*».

¹⁸ «*O tenente-coronel Voinovitch está todo desesperado, invoca a sua carreira ao serviço do Paço, as funções mais confidenciais junto à legação em Paris e não pode compreender como há tanto tempo permanece em Lisboa. Chegou lá, em 12 de Novembro de 1941, convencido firmemente que seria mandado imediatamente para Londres e utilizado como militar ou como especialista económico, mas em Março foi-lhe comunicado que não podia vir para Londres. Está desesperado, porque considera que foi caluniado, os ingleses afirmam-lhe que não têm nada contra ele e, em base disso, ele suspeita que portanto há da nossa parte alguma intriga ou insinuações injustificadas. Pareceu-me um homem bastante inteligente e capaz, considero que se devia esclarecer a sua situação.*», pode-se ler no citado relatório de Miha Krek.

mas não fala do motivo do suicídio¹⁹. As cartas foram escritas no dia anterior. O apartamento estava bem arrumado, estava indicado exactamente em bilhetes onde se encontrava determinado objecto, aonde pertenciam as chaves, quais eram os objectos emprestados, aonde era preciso devolvê-los, etc., de tal forma que as pessoas que examinaram o apartamento tiveram a impressão que, no dia anterior, os defuntos arranjaram e prepararam tudo muito bem para a sua partida para a morte. No defunto encontraram cerca de 10.000 escudos e um bilhete sobre o penhor de certos objectos de ouro. Recordo que o Sr. Koiitch me disse, em oposição a todas as informações, que o Sr. Trpkovitch queria ir quanto antes a Londres e que, segundo a sua opinião, estava excluído que foi a viagem para Londres a razão do suicídio. Precisamente por isso, porque o Sr. Koiitch defendeu com persistência e firmeza o defunto e estava convencido da sua honestidade e correcção profissional, precisamente por isso, aqueles, que estavam convencidos do contrário, suspeitaram também no Sr. Koiitch».

Uma centena de páginas de documentos — de relatórios, cartas, telegramas, inventário de bens, extractos bancários aos processos das autópsias — sobre a vida e morte em Portugal de Borko Trpkovitch, filho de um general (médico) de Belgrado, e de Iris Psorulla Trpkovitch, de uma família de comerciantes de Atenas, que foi completada pelo relatório de Jivko Tasitch²⁰ sobre sua passagem pela «*Patriotic School*». Todavia, faltam as fotografias neste «*caso Trpkovitch*».

I.1b – Vários grupos de refugiados

Entre os passageiros do comboio especial de Roma, que esperaram um visto para o Reino Unido, durante meses em Lisboa e seus arredores,

¹⁹ Todavia, Milenko Popovitch afirmou que havia também uma carta do próprio Trpkovitch, mas que Koiitch a fez desaparecer.

²⁰ Antes da transferência de Koiitch, houve a de Tasitch (28/Nov./42). À sua chegada a Inglaterra foi internado na «*The Royal Victoria Patriotic School*», onde esteve 27 dias e foi interrogado por causa das suas relações com Trpkovitch (Casino Estoril, jogo, diplomatas, espões alemães, etc). Um interessante documento (6 p. dactilografadas com 360 linhas de texto) cheio de pormenores dessa Lisboa (e Estoril) de 1942.

encontrava-se «o estudante Sr. Lenchetchak [que] foi preso pelas autoridades portuguesas quando foi de bicicleta à cidade universitária de Coimbra para assistir a algumas aulas, porque não tinha autorização para a viagem. A legação foi informada sobre isso no dia seguinte. Todavia, a carta para a polícia só foi escrita no quinto ou sexto dia com a justificação que «passe um pouco na cadeia». O Sr. Lenchetchak foi libertado por intervenção do governo inglês. O Sr. Lenchetchak encontra-se em Londres²¹».

Também, entre os seus 92 passageiros, um conhecido escritor: Miloche Tsrnhanski que escreveu sobre esta viagem e os três meses em Sintra e Estoril antes da sua partida para Londres²². Quanto aos diplomatas de Berlim que também deveriam chegar a Portugal, foram enviados para Belgrado pelo governo nazista. Por isso, o embaixador Ivo Andritch (futuro Prémio Nobel da Literatura) não voltou a ver Sintra e a comer as suas queijadas, que tanto elogiou nas páginas do seu «*Portugal país verde (fragmento de um relato de viagem)*», nem ocorreu o encontro dos dois grandes escritores, lusófilos convictos ²³.

Um outro grande grupo de jugoslavos que passou por Lisboa, nessa Primavera de 1941, foi o das tripulações de vários navios mercantes, num total de uns 150 marítimos. Devido aos inúmeros conflitos ocorridos — desde pedidos de repatriação nas legações dos países ocupantes à prisão dos tripulantes por insubordinação, solicitada por Koiitch às autoridades portuguesas, ou sua contratação pela marinha mercante britânica —, há bastantes traços documentais (cartas, relatórios, recibos da Prisão do Limoeiro, fotografias para documentos, etc.) desta sua curta e agitada passagem pelo porto lisboeta, assim como a história de um desses barcos que, após duas semanas

²¹ V. relatório de Milenko Popovitch (8 p.), que entregou a Miha Krek (Ago./42).

²² A nossa tradução destas páginas de «*Embahade*» foi publicada na revista História (n.º.105, Fevereiro 1988) com uma introdução e notas.

²³ V. o nosso artigo: «*Temas portuguesas na obra de dois escritores jugoslavos*», in História, n.º 65, Lisboa, 1984.

da sua saída de Lisboa, foi torpedeado perto dos Açores e cuja tripulação foi salva, horas depois, por um navio português.

Após a França de Vichy ter reconhecido o EIC, em Agosto desse ano, outros 46 jugoslavos (diplomatas, militares, familiares e estudantes) chegaram, em vários grupos, a Lisboa, ficando um diplomata no consulado de Marselha.

Em Outubro, chegou também Niko Mirochevitch-Sorgo, o legado jugoslavo no Vaticano, expulso pelo governo italiano, apesar do que estava estipulado no Tratado de Latrão. Meses depois, numa reunião com o cardeal Manuel Cerejeira²⁴, falou sobre essa expulsão e da ocupação do seu país. Em Lisboa, manteve essas funções — não reconhecidas, mas toleradas pelo MNE — e dirigiu, até meados de 1943²⁵, a delegação da Cruz Vermelha Jugoslava.

Além destes grupos ou diplomatas, houve refugiados que chegaram a Lisboa vindos da Jugoslávia, que relataram, uns mais do que outros, o que viram e ouviram antes de Portugal²⁶. Entre eles, havia mais sérvios e judeus

²⁴ «No fim disse ao Cardeal, que sempre falei abertamente e sinceramente no Vaticano, pelo que estou convencido me reconhecem por isso. E a ele devo dizer abertamente, que o clero católico na Jugoslávia tem grande responsabilidade nestes acontecimentos. Enquanto na Eslovénia, onde o clero é o mais exemplar sob o ponto de vista religioso, todos em ordem ficaram fiéis de coração à Jugoslávia, na Croácia uma boa parte do clero meteu-se de maneira ilícita nos acontecimentos. O Vaticano não teve mão no episcopado, e este ainda menos para o clero menor e frades. Temos relatórios que certos Franciscanos até de faca na mão participaram nas atrocidades.» Conf.n.º.90 de 11/Mar./42 (AJ, 103-60-279).

²⁵ Devido ao «Caso do Feijão» — 25.000 libras de compras (metade para feijão e a outra para conservas e café) destinadas aos prisioneiros jugoslavos na Alemanha e Itália, tendo o feijão um preço muito superior ao existente no mercado português, e outros factos relativos às diferenças de câmbio dessa quantia em escudos —, foi transferido para Londres. O mesmo aconteceu a Milenko Popovitch, que comunicou ao seu governo esta grande diferença de preços. Porém, o primeiro foi ministro no governo — presidido por Bojidar Puritch (em 1941, passou por Lisboa, vindo de Vichy, onde tinha sido legado) — e o segundo exonerado.

²⁶ Uns trinta relatórios (250 páginas dactilografadas) até meados 1943. Outros refugiados fizeram o mesmo, mas na embaixada britânica.

do que croatas e eslovenos. O maior número dos relatórios abrange o período que vai até fins de 1941. São textos com bastantes dados acerca da vida quotidiana em algumas cidades jugoslavas e reflectem o clima de insegurança e terror que viveram os seus autores nos primeiros meses da ocupação.

Embora, em 1942, o seu número tenha diminuído, as informações recebidas tornaram-se mais diversificadas — surgem as primeiras notícias acerca do antagonismo entre *tchétniques* e *partizans* e do apoio do exército de ocupação italiano aos primeiros —, permitindo uma visão da situação cheia de imagens cruéis «*que nesse tempo eram diárias nas ruas, nas estradas, estações ferroviárias* [e que ultrapassavam] *qualquer fantasia do Homem do Século XX*», como se pode ler num desses relatórios.

Já, no ano seguinte, foram raros os casos daqueles que chegaram a Portugal, vindos directamente da Jugoslávia, e que, após meses de espera em Itália, conseguiram obter o visto português. Tais viagens acabaram com a queda de Mussolini e à ocupação alemã que se lhe seguiu.

Voltando aos primeiros refugiados, que chegaram em Julho de 1941, todos eles tinham vistos e meios para aguardarem a continuação das suas viagens para o continente americano ou Reino Unido. Seguiram-se outros, alguns sem vistos ou meios, que recebiam um subsídio da legação e esperavam um visto para essa viagem. Viagens essas sempre dependentes do «*navy-certificate*»²⁷ da embaixada britânica. Além destes refugiados, chegaram também fugitivos dos campos alemães de prisioneiros de guerra. Por exemplo, em Dezembro de 1943, chegou de Marselha um último grupo, formado por 14 militares jugoslavos, através do apoio do consulado nessa cidade francesa.

Mas quantos terão chegado? Várias centenas, num cálculo aproximado, pois não foram encontradas estatísticas mensais ou anuais na documentação da legação, havendo só listas esporádicas ou pedidos de vistos. Todavia,

²⁷ Autorização para pessoas e mercadorias, cujo controlo era feito pela marinha de guerra britânica.

alguns documentos da PVDE ²⁸, existentes no Arquivo Oliveira Salazar, mostram que houve informação precisa desse «*Movimento pelas fronteiras*». Assim, num impresso com umas 50 nacionalidades, relativo à «*Existência em 31-12-1942*», entre 23 013 estrangeiros — repartidos por «*Residentes*», com «*Autorização de Residência de 3 meses*» e em «*Trânsito*» —, a «*Yugoslávia*» tinha só 25, 3 e 5 indivíduos nesses três grupos, dos quais 17 «*Varões*». Outro documento, relativo a esse ano, o «*Movimento de Estrg. — Entrados no País - 30 190; Saídos do País-32 397*».²⁹

Mas quanto tempo ficaram em Portugal? De semanas a meses à espera do visto (e do «*navy-certificate*») — ou de lugar num barco ou avião — que passaram em Lisboa e arredores³⁰ ou, «*em caso de residência fixa*», nas Caldas da Rainha e Ericeira. Contudo, alguns acabaram por ficar até ao fim (e depois) da guerra. Como viviam? Os funcionários e militares recebiam os seus ordenados, que variavam entre os dois e catorze mil escudos. Os refugiados «*sem outros recursos*» tinham uma ajuda de mil escudos mensais. Houve, também, quem declarou ter uma boa ou razoável «*situação material*» e nada recebeu. Estes dados económicos e outros — de preços de produtos e serviços a estatísticas — encontram-se na documentação (balanços mensais, inventários, facturas, ofícios, etc.) relativa à contabilidade da legação.

²⁸ O desaparecimento do arquivo da Secção Internacional desta polícia (existia em 1986) e a ausência — escandalosa, pelo menos — de um simples inquérito obrigam-me a chamar, mais uma vez, a atenção para este facto. Todavia, as cartas já enviadas e os muitos anos passados não dão grandes esperanças acerca deste arquivo desaparecido sem rastros ou uma explicação aceitável. Sobre a sua importância, basta olhar para a numeração dos documentos (ofício e processo) da citada Secção Internacional da PVDE. No AJ, há ainda muitos outros documentos, cujas cópias também deviam existir... no Arquivo da PIDE-DGS (IAN/TT).

²⁹ Dados de outros dois documentos: 1940 (43 540 entradas, 36 579 saídas); 1941 (23 527 entradas, 37 927 saídas). Não encontramos as estatísticas dos outros anos.

³⁰ Em Carnaxide, a família Bailoni comprou uma quinta (em Portugal, desde o Verão de 1941), após os seus vistos para os EUA ou Reino Unido terem sido recusados. No Estoril e em Sintra, até 1942, estiveram muitos dos passageiros do comboio especial, vindo de Roma (Mai./41).

I.1c – A legação: funcionários, actividades e refugiados

Até 1945, a legação jugoslava teve quatro encarregados de negócios³¹, sete funcionários jugoslavos³² e dois portugueses. Mais outros oito funcionários estiveram nas suas delegações³³. Poucos funcionários e muitos encarregados de negócios, foi um facto criticado várias vezes. Embora em alguns casos (R. Knejevitch e V. Markovitch), as curtas estadias estiveram ligadas às mudanças políticas e ministeriais no Governo Real no Exílio.

Além dos pedidos de vistos portugueses para jugoslavos que se encontravam em Espanha, França, Suíça ou Itália, a legação seguia a situação político-militar na Jugoslávia através dos refugiados e noutros países europeus pela leitura da imprensa (portuguesa e estrangeira) e as conversas com diplomatas residentes ou de passagem pela capital portuguesa. Até 1943, o assunto principal da sua correspondência para Londres foi a ameaça da invasão alemã de Portugal. Depois do desembarque aliado em Marrocos (Nov./42) e das derrotas do Eixo nos primeiros meses de 1943 (Stalinegrado e Norte de África), esses receios desapareceram e a concessão de vistos tor-

³¹ Três diplomatas de carreira: Slavko Koiitch (Fev./41-Nov./42); Milutin Milovanovitch (Nov./42-Set./43 e Dez./43-Jul./44); Vladislav Markovitch (Jul./44-Dez./44). E um político: Radoie Knejevitch — ex-ministro do Paço, franco-maçã e dirigente do golpe de Estado de 27 de Março — (Set.-Dez.43).

³² Destes, só o contínuo, Bogolhub Tchurtchitch, ficou em Portugal, desde a sua chegada (Mai./41), com a sua filha (11 anos). Os restantes, entre alguns meses a dois anos e meio de estada.

³³ As delegações do Ministério do Interior (Jul./41-Ago./43) e a Militar (Ago./43-Out./44) funcionaram na legação. Na primeira: S. Sterdjevitch e V. Atanasievitch. Na segunda: major V. Rojdjalovski — um dos oficiais do 27 de Março. A delegação da Cruz Vermelha teve as suas próprias instalações e, após a partida de Mironevitch-Sorgo (meados de 1943), passou a depender da legação, sendo gerida por uma «sub-comissão» dirigida pelo advogado Sima Adanha (figura importante da minoria judaica e da Maçonaria), que viveu com a família em Portugal, possivelmente, mais alguns anos do pós-guerra, quando partiram para Cuba.

nou-se mais fácil. Contudo, em 1941, essas dificuldades foram maiores com a Espanha. Diga-se, mais uma vez, que houve uma diminuição desses refugiados a partir de meados de 1943, tanto pela situação em Itália (desembarque aliado na Sicília, destituição de Mussolini e ocupação alemã), como por maiores dificuldades para alcançar a Península Ibérica.

Os factos principais da guerra relativos à Jugoslávia³⁴ e da situação sociopolítica portuguesa (bases aliadas nos Açores, agitação social, as actividades do PCP, o futuro do governo de Salazar³⁵, etc.) mereceram a atenção de muitos dos 1585 telegramas e ofícios desse ano. Todavia, em 1944, esse número foi menor e os anteriores temas aparecem menos na correspondência enviada³⁶ para Londres. Acrescente-se, não foram encontrados os livros de registos (anuais) desta documentação e a diferença entre este número e os documentos encontrados obrigavam à sua recontagem, que não foi feita.

A partir de fins de 1944, a legação passou a ser chefiada por Vukadine Miletitch³⁷, enquanto o ex-encarregado de negócios, Vladislav Markovitch,

³⁴ O governo britânico reconheceu, em 1943, o Exército de Libertação Popular da Jugoslávia (ELPJ), chefiado por Tito, e retirou o seu apoio aos *tchétniques* de Draja Mihailovitch pela sua colaboração com as forças de ocupação do Eixo. A substituição do governo de Puritch pelo de Chubachitch (Mai./44), permitiu o acordo de Vis (Jul./44) entre o governo real, o sexto no exílio, e o ELPJ. Seguiu-se o encontro, em Nápoles, entre Churchill e Tito. Depois, em Moscovo, Tito encontrou-se com Staline (Set./44). Após a libertação de Belgrado com o apoio do exército soviético (20/Out.), dias depois, Tito recebeu e assinou um novo acordo com Chubachitch, Deste «Acordo de Belgrado», surgiu o governo provisório da Jugoslávia Democrática e Federativa, presidido por Tito (Mar./45).

³⁵ V. nosso artigo: «*Alguns documentos da Legação do Reino da Jugoslávia em Portugal (1941-45) — aspectos vários da política salazarista*», in *Vértice*, n.º 470/472, Coimbra, 1986.

³⁶ Desse ano, o «*Conf.n.º.626*» de 7 de Setembro foi o documento encontrado com maior numeração. Em 1941, foram registados 820 e, em 1942, 1753 documentos deste tipo. A legação enviava o seu correio para Londres através dos correios diplomáticos (bissemanais) da embaixada britânica.

³⁷ Chegou a Lisboa, um mês após o suicídio dos Trpkovitch (Ago./42), onde ficou até meados de 1945.

continuou a residir em Lisboa até a sua partida, em Maio de 1945, para o Reino Unido.

À laia de conclusão, neste período da guerra, se a análise da realidade sociopolítica portuguesa foi reduzida e, até 1943, esteve bastante subordinada ao tema de uma possível invasão alemã, já a recolha de informações sobre a situação político-militar jugoslava foi objecto de uma atenção muito maior. Além da leitura atenta da imprensa portuguesa — do publicado e do censurado através do boletim da embaixada britânica —, houve também uma grande atenção em relação aos jornais de outros países europeus. Neste campo de actividades desta legação, é de salientar, ainda, os mencionados relatórios dos refugiados (jugoslavos e estrangeiros), vindos da Jugoslávia.

Outro aspecto foi o do comportamento dessas centenas de refugiados nas suas relações pessoais entre si ou com o pessoal da legação. Porém, só algumas dezenas deles deixaram um grande número de traços documentais. Traços esses que foram resultado, a sua maioria, dos inúmeros conflitos entre si. Alguns deles transformaram-se em autênticos «casos» — por exemplo, o «do feijão» ou do «Trpkovitch» —, que apontavam para uma realidade bastante diferente à das grandes proclamações de fervor patriótico ou de moralidade cívica muito frequentes nessa altura. Houve outros menos dramáticos, mas bastante invulgares, como foi o de Mihailo Kovatchevitch³⁸, que logo após sua chegada a Portugal, vindo de Vichy, podia-se ler um artigo num matutino lisboeta sobre este «grande artista sérvio». Mais outros dias passados e, noutro diário da capital portuguesa, apareceu uma entrevista com este «espírito cintilante, conversador, em que a par do artista se nota[va] algo de filósofo e de poeta, [tinha] uma personalidade original»³⁹. Outros exemplos desta capacidade comunicativa ser-lhe-ão depois várias vezes apontados — mais num sentido negativo que positivo — nessa estadia que se prolongou até meados de 1942.

³⁸ Este conhecido actor (1891-1961), estudou em Petrograd e Paris. Após ter representado em vários teatros jugoslavos, a partir de 1929, continuou a sua carreira em França. Escreveu: «Pozorište i Glumci» («Teatro e Actores»), Novi Sad, 1994.

³⁹ Diário de Lisboa (10/Fev./42). Também, no Diário de Notícias (29/Jan./42).

Todavia, as suas queixas⁴⁰ e comportamentos bem públicos provocaram grandes problemas e exacerbaram outros, levando Koiitch a recordar que «*depois das dificuldades que a Legação teve com o jornalista Zets, Dalma, estudantes, sargentos-aviadores e alguns outros membros da nossa colónia de passagem por Lisboa, chegou também o caso Kovatchevitch para influenciar negativamente as ideias acerca da nossa gente em Lisboa*». Já antes tinha avisado o seu ministério do comportamento deste actor shakespeariano que «*se embebedava nos cafés e locais públicos*». E ainda pior, «*efectuava propaganda degaulista; presenciava banquetes e festas oficiais portuguesas e até pelas casernas militares*»⁴¹. Contudo, todas estas histórias tinham o seu público até entre os membros do governo jugoslavo. Uma protecção que pode explicar as suas estadias (e vistos) em Lisboa e Londres, onde esperou o fim da guerra. Sem esquecer a concessão de uma pensão de três mil escudos mensais e a enorme compreensão pelas suas denúncias lisboetas. Uma tolerância que aceitava também os seus passeios londrinos, fardado de oficial do exército jugoslavo. Talvez, por tudo isto, para um irónico Tsrnhanski, ele foi «*uma das figuras mais interessantes*» da emigração jugoslava.

Uma outra, que o grande escritor jugoslavo não referiu ou conheceu, foi a de Duchan Popov⁴² (o «*Tricycle*», célebre espião duplo dos serviços

⁴⁰ Na sua queixa na polícia, como também no seu telegrama para o governo jugoslavo em Londres, dizia que lhe tinham roubado o passaporte e 700 escudos. Como ladrão, apontou nada mais ou nada menos, do que Sterdjevitch. Depois, apareceu o passaporte num marco de correio lisboeta que foi comentado por Koiitch como tendo sido lá colocado pelo próprio Kovatchevitch. Motivos: adiar o mais possível a sua viagem para Londres. Outro aspecto desta ofensiva de Kovatchevitch contra os seus compatriotas diplomatas encontrava-se nas queixas apresentadas na embaixada britânica, segundo as quais Trpkovitch pertencia à «*quinta-coluna*».

⁴¹ Uma dezena de documentos e recortes de jornais (AJ, 103-86). As suas datas vão de Fevereiro a meados de Maio de 1942. No Diário de Lisboa (3/Mar./42), num artigo sobre as comemorações do Colégio Militar, apareceu em primeiro plano na fotografia com a sua boina preta.

⁴² Duchan Popov (1912-81). A sua figura inspirou Ian Fleming para o seu James Bond, que o conhecia bem por...razões de serviço. A sua autobiografia, «*Spy, Counterspy*», foi publicada em Londres (1974).

secretos britânicos) que passou diversas vezes por Lisboa e Estoril, cujo casino gostava de frequentar. Possivelmente, frequentava ainda a citada quinta da família Bailoni, em Carnaxide, onde vivia Gordana Bailoni⁴³, de quem foi advogado, em Belgrado, do seu Banco Sava⁴⁴.

Nesses traços documentais, os conflitos, queixas, pedidos ou dramas permitem uma reconstituição de vários momentos ou aspectos do quotidiano lisboeta destes refugiados. Contudo, muito pouco para tantas semanas ou meses de espera pela continuação das suas viagens — e os anos daqueles que ficaram em Portugal —, pois ocorreram muitas mais coisas entre os refugiados e diplomatas, como no seu relacionamento com as gentes dessas terras de passagem. «Lisboa e o meu caminho / no mundo, castelos no ar e na espuma do mar», recordará com nostalgia, alguns anos depois no seu exílio londrino, o poeta do *Lamento de Belgrado*. Apesar da centena de dias no

⁴³ Suspeita por ligações com os alemães, sem vistos de entrada, passou os anos da guerra em Portugal, onde viveu até à sua morte (1941-99). Tinha 28 anos, quando chegou a Lisboa com a mãe e seus dois irmãos (Lhilhana e Gradimir). Todavia, o seu irmão foi portador de uma carta do (então) coronel Dragolhub-Draja Mihailovitch, para o governo em Londres e que entregou na legação, quando chegou a Lisboa.

⁴⁴ Segundo uma informação confidencial (Nov.42), «[...] como advogado em Belgrado foi representante legal do Banco Sava que é propriedade da família Bailoni. Quando o Banco Sava começou com dificuldades financeiras então através da directora do Banco, senhora Gordana Bailoni, entrou em contacto com o Dr. Stoiadinovitch, que ajudou o Banco Sava a recuperar-se. O Dr. Stoiadinovitch tornou-se então amigo da Senhora Bailoni e secreto companheiro de negócios. Segundo declarações do Dr. Popov, o saneamento do banco foi feito com as especulações dos títulos de danos da guerra, para os quais o Dr. Stoiadinovitch informava a Senhora Bailoni quando subiriam ou cairiam. [...] As relações íntimas e estreitas ligações de negócios da senhora Gordana e o Dr. Stoiadinovitch são conhecidas há muito. As relações de negócios e de amizade entre o Dr. Popov e Dr. Stoiadinovitch existiam seguramente e isso pelas seguintes razões [...]». Assim, entre outras, porque: sabia de «todas as operações bancárias confidenciais» entre ambos; durante o governo de Milan Stoiadinovitch (1935-39); «viajou muitas vezes para a Alemanha e Itália para efectuar certos negócios com empresas industriais e bancárias por conta de firmas ou do Banco Sava»; era convidado frequente dos «jantares íntimos em casa da senhora Bailoni com o Dr. Stoiadinovitch».

país de Camões, um dos seus poetas favoritos, Tsrnhanski dedicou-lhe somente algumas páginas das suas *Embaixadas*. Outros, nem isso, embora Knejevitch e Adanha tiveram tempo (e motivos) para restabelecer antigas relações maçónicas⁴⁵. Por isso, qualquer leitor atento fica com a impressão de um grande mosaico rico em pormenores e possibilidades, mas ao qual faltam inúmeros dados para uma história mais completa desta estada de centenas de jugoslavos, entre os mais de cem mil estrangeiros que se asilaram ou exilaram em Portugal durante a II Guerra Mundial. Se, perante a falta de documentos, o historiador pouco pode fazer, já o escritor e o realizador não têm esse problema. Por fim, até na cena final do *Casablanca*, o avião parte para esse destino, mais de meio século já passou, mas continuam a faltar estudos, pesquisas arquivísticas e imaginação (mais engenho e arte) em relação a essa Lisboa e arredores, onde esse avião aterrou...

I.2 - O pós-guerra (1945-48)

Em Abril de 1945, a vitória dos Aliados estava próxima. Devido aos bons ofícios do governo britânico, junto dos MNE português e jugoslavo, as relações diplomáticas entre os dois países foram mantidas, apesar do incidente por causa do reconhecimento do novo governo jugoslavo com o protocolo do Palácio das Necessidades⁴⁶. Em Maio, os primeiros diplomatas da Jugoslávia Democrática Federativa — meses depois, República Federativa Popular da Jugoslávia — chegaram a Portugal. O seu primeiro (e único) encarregado de negócios foi Dragolhub Iovanovitch que, em Abril de 1947, partiu inesperadamente para a Jugoslávia e não regressou. Outros diplo-

⁴⁵ No Congresso da Associação Maçónica Internacional (Belgrado, Set./1926), o ausente Grande Oriente Lusitano foi representado por um «irmão jugoslavo» (Lazar Avramovitch) da Grande Loja da Jugoslávia. Relações essas que existiam, pelo menos, desde 1922.

⁴⁶ V. nosso artigo: «A legação jugoslava e a oposição antifascista portuguesa (1945-48)», in *Vértice* n.º 98, Nov.-Dez. 2000.

matas e funcionários: Fedor Dobrovitch (Mai./45-Jan./47); Albert Abinun (Jan.-Ago./46); Marko Mitrovitch (Mai./45-Mar./46) e Mihailo Ignhatovitch (Mar./46-Abr./48)⁴⁷. Só ficou dos anteriores funcionários, como foi dito, o contínuo Tchurtchitch, pois o secretário Vukadin Miletitch e o escriturário Iovan Kovatchevitch⁴⁸ regressaram à Jugoslávia.

Além dos poucos funcionários, dois deles estiveram menos de um ano nas suas funções, tendo só um deles sido substituído. Se um (Mitrovitch) partiu por causa de motivos pessoais (um «*amor tardio*»), o outro (Abinun) foi chamado a Belgrado por causa dos seus frequentes conflitos com Iovanovitch por causa das ligações com o MUD. Quanto às relações com o PCP, elas estiveram sempre a cargo de Fedor Dobrovitch, que chegou a ter um encontro clandestino, perto de Santarém, possivelmente, com Soeiro Pereira Gomes. Nele, foi discutida a viagem de Álvaro Cunhal num dos barcos jugoslavos «[...] *que de vez em quando chega[vam] a águas portuguesas*». Ambos conheciam esta «*técnica*» que utilizava «*com sucesso o legado mexicano em Lisboa, Bosques*⁴⁹, *na evacuação dos camaradas espanhóis fugitivos em Portugal*». Um antifascismo militante que existia também na delegação do «*Unitarian Service Committee*», segundo as informações dos «*serviços ingleses*»⁵⁰.

Durante os três anos do pós-guerra até ao seu encerramento (Abr./48), esta representação diplomática teve, apesar da apertada vigilância da PIDE

⁴⁷ V. idem: «*Duas viagens de Álvaro Cunhal à Jugoslávia (Dez./47 e Out./64)*», in Vértice nº.128, Mai.-Jun. 2006

⁴⁸ Além de dois documentos (carta a participar o seu casamento com uma portuguesa para o protocolo do MNE e relatório de sua autoria sobre situação política portuguesa), não existem outros dados a seu respeito, em Belgrado, no ADMNE.

⁴⁹ Gilberto Bosques (1892-1995). Cônsul em Paris (1938-42) e Marselha (1942-43), onde ajudou a fuga de milhares de refugiados espanhóis republicanos, judeus franceses e outros perseguidos dos regimes franquista e nazista. Legado em Portugal (1946-50) continuou esse apoio aos refugiados espanhóis. Depois, após a Suécia e Finlândia, foi embaixador em Cuba (1953-64).

⁵⁰ Esta «*Informação recebida dos Serviços Ingleses*», de 2/Ago./46, encontra-se no AOS no IAN/TT.

(e não só), como principais actividades: manter estreitas ligações com a oposição antifascista portuguesa (MUNAF, MUD e PCP), enviando para Belgrado a sua imprensa e outra documentação (panfletos⁵¹, principalmente); apoiar essa oposição com diversas acções mais conspirativas (correspondência por mala diplomática, informações e a viagem de Álvaro Cunhal). Igualmente, foram seguidas, através dos contactos no meio diplomático, as mudanças na situação política internacional com o começo da Guerra Fria, havendo ainda uma grande atenção por Espanha. Seguramente, a nomeação de Albert Abinun, um ex-prisioneiro das cadeias franquistas (1938-44), esteve ligada à posição que ocupava este país entre os dirigentes jugoslavos, muitos deles combatentes das Brigadas Internacionais.

Assim, num primeiro período, até à partida de Iovanovitch, estes contactos foram mais intensos — as listas de convidados para o Dia Nacional da Jugoslávia⁵² são deles um bom exemplo — e de grande confiança mútua, embora por vezes exagerada, como se pode comprovar por um telegrama cifrado (9/Abr./47), enviado para Belgrado, comunicando «[...] *que esta noite recebemos novamente relatório confidencial que esta noite se prepara golpe de Estado. Comunicamos por dever pois o mesmo já repetimos tantas vezes*». Porém dessa vez, o que tinha sido anunciado⁵³ ocorreu mesmo nessa noite, e surgiu uma situação que pode explicar a sua inesperada partida «*para consultas*» em Belgrado. Antes de receber essa ordem — esse telegrama ou outro documento sobre os motivos de não ter regressado a Lisboa — não foram encontrados —, ele tinha informado (22/Abr.) que seria «[...] *possível que Salazar deseje aproveitar o actual momento internacional para provocar o corte de relações, porque ser-lhe-ia necessária a autorização dos EUA e eventualmente da Inglaterra*»⁵⁴.

⁵¹ Pelo seu número, estes documentos mereciam a confirmação se existem em arquivos portugueses.

⁵² Há nove fotografias da recepção de 1946, no Hotel Aviz (AD MNE).

⁵³ Referência à tentativa de golpe de Estado de 10 de Abril do general Marques Godinho.

⁵⁴ Estes dois telegramas encontram-se no AD MNE, Portugal (1947), F-101.

Além das ligações com a oposição antifascista que ocupavam um lugar importante na correspondência desta legação, os seus relatórios mensais e outros documentos tentavam dar uma informação diversificada do que se passava em Portugal e se dizia da política internacional pelos meios diplomáticos da capital portuguesa.

Seguiu-se um outro período, em que os traços documentais são poucos, embora nele tenham ocorrido a preparação e a viagem de Álvaro Cunhal no paquete «*Partizanka*» (Nov./47). Assim, de uma média anual de quinhentos telegramas e cartas, em 1945 e 1946, esse número só atingiu, no ano seguinte, umas duas centenas de documentos enviados para Belgrado. A partir da partida de Iovanovitch (Mai./47), os traços desta correspondência são raros. Também, além do diplomata jugoslavo — esteve, em Lisboa, por causa da aquisição do «*Partizanka*»⁵⁵ — e da tripulação deste navio — passou três meses no Tejo —, a legação, confiada a Ignhatovitch, não teve qualquer visita de correios diplomáticos⁵⁶. Quanto a 1948, há dois relatórios que descrevem com pormenor o fim deste período das relações jugoslavo-portuguesas: um sobre o encerramento da legação em Lisboa (Abril); outro acerca da reunião na embaixada jugoslava em Paris (Agosto), a última (até 1964) entre os partidos comunistas português e jugoslavo, representados por Álvaro Cunhal e um diplomata jugoslavo⁵⁷. O seu tema principal foi a expulsão do PCJ do Cominform (Junho), situação política na Jugoslávia e a futura posição do PCP sobre este conflito.

⁵⁵ Era o ex-*City of Lisbon* (6 267 t., 646 passageiros e 170 tripulantes) da «*firma Comércio Algodoeiro*» de Lisboa, vendido por 2,3 milhões de dólares à Jugoslávia, após uma reparação nos estaleiros da CUF. Depois de várias vistorias, partiu para Split (20/Nov./47). Nele, além da tripulação, um passageiro (clandestino): Álvaro Cunhal.

⁵⁶ As viagens dos correios diplomáticos, vindos das embaixadas em Paris ou Londres, não foram muito frequentes — segundo as referências acerca deste assunto por parte de Iovanovitch e Dobrovitch —, pois delas não foi encontrado qualquer registo anual ou outro. Nos últimos meses desta legação (Ago./47-Abr./48), não houve uma única viagem.

⁵⁷ Mais pormenores destes dois relatórios nos nossos artigos já citados.

I.3 - Os documentos e arquivos

De 1941 a 1948, estes fundos, repartidos por dois distintos períodos, encontram-se: Arquivo Jugoslávia (fundos do *Governo Real Jugoslavo no Exílio*, 1941-45 e *Arquivo do Comité Central da Liga dos Comunistas da Jugoslávia*, 1945-48); Arquivo Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros (*Legação em Portugal*, 1945-48). Um total superior a 3500 páginas de documentos e algumas centenas de recortes de jornais portugueses e de outros países.

É de referir que a documentação (1945-48) no ADMNE tem, entre as mil e cem páginas numeradas de documentos, algumas dezenas de jornais e panfletos clandestinos. Portanto, só a sua recontagem pode dar uma resposta quantitativa a esta evidente diferença. Uma outra referência deve ser feita às «*fichas*» — personalidades políticas, empresas e outros assuntos portugueses —, enviadas para Belgrado, mas que não foram encontradas no acima mencionado arquivo.

II — De 1949 a 1960.

De 1948 a 1953, um conflito (ideológico) no seio do Cominform entre os partidos comunistas da URSS e Jugoslávia transformou-se numa divisão do movimento comunista internacional e dos países do «*bloco socialista*». Entre as principais causas aponta-se a federação balcânica, acordada por Dimitrov e Tito⁵⁸, e a reunião de Moscovo (Fev./48) sobre este passo nas relações jugoslavo-búlgaras⁵⁹. Até 1953, as suas consequências foram para a Jugoslá-

⁵⁸ Esta proposta dos acordos de Bled (Ago./47) e de Evksinograd (Nov./47) e a posterior declaração de Dimitrov, em Bucareste (Jan./48), acerca de uma futura federação ou confederação da Polónia até à Grécia, foram criticadas no «*Pravda*» (28/Jan./48). Nesse texto, «*as artificiais federações ou confederações*» não eram necessárias na Europa Oriental. «*Tratava-se de uma iniciativa demasiado grande sem consultação com Moscovo*», segundo Branko Petranovitch (*Federação Balcânica 1943-1948*, Belgrado, 1991).

⁵⁹ Nesta reunião estiveram presentes Stalin, Dimitrov e uma delegação jugoslava (Kardelhe, Djilas e Bakaritch). Cinco semanas depois, começou a saída dos especialistas militares e civis soviéticos da Jugoslávia. A ruptura confirmou-se na

via, entre outras, as seguintes: corte de relações económicas e políticas com os seus aliados; incidentes fronteiriços e confrontos armados; prisão de milhares de membros⁶⁰ do PCJ acusados de conspiração; cadeias, como a da Goli Otok (Ilha Nua) no Mar Adriático, ficaram conhecidas por um cruel regime prisional de trabalhos forçados, torturas e centenas de mortos.

Após a morte de Staline (Mar./53) seguiu-se o reatamento das relações políticas que culminou com os acordos de Belgrado (Mai./Jun.55) e Moscovo (Jun./56), assinados por Tito e Hrushetchov.

Nesses anos da Guerra Fria, o governo jugoslavo recebeu uma importante ajuda económica e encontrou nos «países ocidentais» (EUA, Reino Unido e França) um apoio decisivo à sua nova política externa⁶¹. Como, até meados de 1948, a Jugoslávia fora considerada um dos aliados «*mais fiel e aguerrido*» da URSS, o governo dos EUA avaliou a situação na Jugoslávia como demasiado confusa e assumiu uma posição de «*esperar para ver*». Alguns meses passados, aprovou a política de «*manter Tito à superfície*». Primeiramente em secreto, depois abertamente, começou a chegar a ajuda económica e, em finais de 1950, a militar. No ano seguinte, Trumann reforçou, devido à tensão nas fronteiras jugoslavas, a ajuda militar com 77,5 milhões de dólares e ajuda económica suplementar. Sobre o valor total destas ajudas, mais tarde, um dirigente político jugoslavo estimou-a superior a 1,5 mil milhões de dólares⁶² no período de 1949-58.

Com a chegada de Eisenhower à presidência, em 1952, a política estado-unidense tornou-se mais ofensiva. Segundo a política de «*contenção*»

reunião do Cominform em Bucareste (28/Jun./48). V. AA.VV., *1948 - Jugoslávia e Cominform – cinquenta anos depois*, Belgrado, 1998.

⁶⁰ *Idem*, uma estatística do Serviço de Segurança do Estado (jugoslavo) registou 55 663 presos na Jugoslávia, entre 1948 e 1963, sendo a grande parte destas prisões efectuada até 1955.

⁶¹ Sobre as relações jugoslavo-estadounidenses neste período: Lorraine M. Lees, *Keeping Tito Afloat*, 1993. Consultámos a edição sérvia (Belgrado, 2003).

⁶² Outros autores (B. Petranovitch) avaliaram essa ajuda em 30 mil milhões de dólares (de 1985).

de George F. Kennan (embaixador na Jugoslávia, 1961-63), a Jugoslávia passou a estar no centro da sua política europeia. Igualmente, o secretário de Estado, John Foster Dulles, achava que esse apoio oferecia possibilidades de quebrar a unidade do «*bloco comunista*».

Apesar do reatamento de relações com a URSS (1955/56), a Jugoslávia contou sempre com o apoio de Dulles que, segundo Leo Mates — embaixador jugoslavo em Washington (1954-58) —, «*foi o nosso melhor amigo nos EUA*». Uma relação confirmada pelo próprio Dulles, quando considerou o seu encontro com Tito em Brioni (Nov./55) como «*um dos [seus] dias mais belos, alguma vez vivido*».

Depois do encontro de Tito com Nehru e Nasser (Brioni, 1957), considerado um dos primeiros passos do movimento do países não-alinhados, o presidente jugoslavo conseguiu encontrar — após ter resolvido os conflitos com as «*grandes potências*» e sido aceite como intermediário privilegiado entre os dois «*blocos*» — um novo campo de actuação na política internacional, no qual, será um dos principais líderes até à sua morte (1980).

II.1 – Um (quase) interregno

II.1a – Documentos: vistos e uma viagem a Portugal

A quase totalidade da documentação deste (quase) interregno nas relações jugoslavo-portuguesas é constituída por correspondência das representações diplomáticas jugoslavas (encontros com diplomatas portuguesas), algumas ofertas comerciais de empresas portuguesas, reuniões ou congressos internacionais em Portugal, os protestos pela proibição do desembarque das tripulações e passageiros de vários navios mercantes jugoslavos no porto de Lisboa e pedidos de vistos de um sacerdote católico e alguns comerciantes portugueses ou de um dirigente de orquestra jugoslavo por causa de um «*concurso de piano*» em Lisboa.

Uma ou outra exceção, como um relatório da viagem turística a Portugal, em Julho de 1957, do correspondente da radiodifusão jugoslava em Londres, Bojidar Bojovitch, e sua mulher. Nas suas «*Notas de uma visita a Portugal*»⁶³, descreveu como e onde passaram um mês — «*(quase 2 semanas) passámos num pequena estância balnear no extremo sul do país, Praia da Rocha; o resto do tempo, um pouco mais de duas semanas, repartimo-lo por toda uma série de lugares, visitando cerca de 17 cidades (quatro ou cinco pequenas localidades só de passagem). Em Lisboa estivemos três vezes, num total de cerca de uma semana*». Embora, após a sua chegada de barco a Lisboa e uma conversa com «*um oficial da polícia que nos levou para o posto policial no cais*», foi-lhes exigido que dessem «*dados pormenorizados acerca do itinerário em Portugal, nomes de hotéis onde ir[iam] ficar e perguntas semelhantes*». Apesar de terem respondido que ainda não sabiam, «*foram educados e até ao fim da estadia*» não lhes criaram problemas. Todavia, acrescentou: «*Fomos seguidos constantemente, acerca disso tivemos bastantes provas, mas novamente sem quaisquer incidentes ou contrariedades*».

Através de um jornalista, que vivia em Londres e «*apoiente do regime de Salazar*», em Lisboa, conheceu um amigo dele, que trabalhava numa livraria e editora. «*Desta maneira, criei contactos com círculos daqueles que eram adversários do regime; eram todos intelectuais, a maior parte de orientação de esquerda*», acrescentando que contactou ainda «*peessoas que estavam ao serviço do regime*», mas teve menos possibilidades «*para falar com pessoas da classe operária e com camponeses, por causa das dificuldades em relação à língua*».

Nesses contactos com portugueses de esquerda, «*teve também possibilidades de ver literatura ilegal, maioritariamente material do clandestino PC de Portugal*». Achando que a apatia era «*a melhor palavra*» para descrever situação política no país, nas restantes quatro páginas destas notas de um jornalista bem informado — cita diversos dados estatísticos (económicos e sociais), conhece a política corporativista de Salazar, sabe da «*incrível forte*» influência da Igreja Católica, compreende a situação económica, a emigração e

⁶³ Cinco páginas dactilografadas (200 linhas de texto).

outros problemas socioeconómicos portugueses —, há uma análise à oposição ao regime e, segundo uma avaliação «condicionada pelas possibilidades que [lhe] estavam à disposição, diria que, sem dúvida, o PC clandestino representa a força política mais forte no país — além do movimento fascista oficial. Os restantes grupos são mais fracos em organização e mais heterogéneos. Todavia, tomando em conjunto todos os diferentes grupos burgueses, que vão de uma direita moderada a socialistas do tipo laborista, e dos quais muitos se ligam em redor dos restos proibidos dos antigos partidos, é muito possível que, se houvesse alguma mudança política, teriam mais influência do que os comunistas, caso se unissem para os confrontar». Mais adiante, diz que «dentro de alguns meses, em Portugal, deve haver eleições. Segundo o que dizem aqueles com quem conversei, as eleições provocam sempre uma certa atmosfera mais electrizante, embora ninguém tem ilusões em relação às possibilidades que elas possam servir para uma mudança». Depois, entre outras observações, escreveu que valia «anotar o excelente nível da hotelaria. Por todo o lado é mais limpa do que nos nossos hotéis mais caros». Para terminar, disse que sabia-se muito pouco da Jugoslávia e quando diziam que eram jugoslavos provocavam «espanto e por vezes também medo, provavelmente, do comprometimento perante a polícia. Os conhecidos com os quais nos encontramos insistiram no segredo das reuniões». Quanto ao «número e tipo de emigrantes jugoslavos que viv[iam] em Portugal (segundo dizem, a maior parte mesmo em Lisboa e no Estoril» nada puderam saber, embora diria que seriam, proporcionalmente, tantos quantos viviam noutros países da Europa Ocidental. «Não encontramos nenhum», concluiu.

II.1b – Tentativas de reabertura da legação jugoslava

Quanto à reabertura da legação jugoslava em Portugal — a proposta foi apresentada (Out./51) numa reunião entre os embaixadores dos dois países em França (Srdja Pritsa e Marcelo Matias) e noutros contactos diplomáticos —, há diversas cartas e telegramas cifrados sobre este assunto. Entre eles, nesse ano, há a iniciativa de António Ferro, então legado na Suíça, que

era «*pessoalmente para o estabelecimento de normais relações diplomáticas e gostaria de ir também a Belgrado por este assunto*», embora segundo esta carta, datada de fins de Julho, do seu interlocutor jugoslavo⁶⁴, teria acrescentado «*mas que antes escreverá sobre isto ao presidente Salazar para obter a concordância dele*». Contudo, a ausência de qualquer outro documento a respeito destes contactos em Berna pode ser explicada pela correspondência e encontros dos citados embaixadores na capital francesa. A resposta negativa do governo português, «*por não terem suficientes quadros*», foi enviada depois, em fins de Novembro, por Pritsa para Belgrado.

Apesar da recusa do governo português⁶⁵, a reabertura da legação continuou a ser motivo de conversa em posteriores encontros de diplomatas em diversos países. Por exemplo, a um pedido de esclarecimento sobre este assunto pelo embaixador português no Japão (Mai./56), foi dito que não só nem havia motivos para a «*modificação substancial posições até agora temos mantido*», como uma recente «*visita de Tito à Rússia*» mais o «*facto particular atitude Jugoeslavia no caso Goa, abertamente hostil nossos interesses, aconselham*

⁶⁴ Tratava-se de Rajko Djermanovitch, então legado na Suíça, e indigitado para reabrir a legação em Portugal, já meses antes, quando chefiava a missão diplomática no Brasil.

⁶⁵ Em resposta à proposta jugoslava, foi enviado ao mesmo Marcelo Matias um «*texto autorizado por S.Ex^a. o Ministro.27.X.951*», em que se comunica «*[...] que não se afigura oportuno dar satisfação, nas circunstâncias actuais, ao desejo do Governo da Yugoslávia para a reabertura das Legações de Portugal em Belgrado e da Yugoslávia em Lisboa. // Poderá por isso V. Exa. responder ao Embaixador da Yugoslávia, nos termos que entender mais convenientes, que não temos possibilidade de estabelecer uma Legação em Belgrado e não nos parece que se deva estabelecer uma Legação da Yugoslávia em Lisboa sem reciprocidade, e que, por outro lado, a prática tem demonstrado que a falta de Legações dos dois países em Lisboa e Belgrado não tem impedido contactos entre os respectivos Governos sempre que se tornam necessários, nem o Governo Português tem deixado de colaborar, por intermédio do Pacto do Atlântico, quanto à assistência que por alguns países participantes daquele Organismo tem sido prestada à Yugoslávia.//A BEM DA NAÇÃO // Pelo Ministro// Vasco da Cunha*». (AHD MNE, PEA M299).

prudência em face suas iniciativas [...] »⁶⁶. Como este tema aparece na correspondência existente nos arquivos históricos dos MNE de ambos os países, esta permite uma boa comparação destas fontes da década de cinquenta (1951-58).

Ainda no campo das relações oficiais, houve contactos e marcação de reuniões entre os bancos nacionais, uma delas na capital francesa (Jan./59), para assinatura de um acordo comercial, que previa trocas comerciais num valor de cinco milhões de dólares anuais. Todavia, dessas ligações comerciais, há só algumas propostas de empresas portuguesas e jugoslavas, mas sem qualquer confirmação da sua realização.

Igualmente, há uma quase ausência de informações sobre a situação política portuguesa por parte dos diplomatas jugoslavos. Mesmo as eleições presidenciais de 1958 só são referidas numa carta da embaixada de Rabat, em que se relata a conversa com um diplomata português sobre «*a situação pré-eleitoral muito tensa*».

II.2 - Os documentos e arquivos

A documentação relativa ao (quase) interregno de 1949-60 encontra-se no ADMNE, pois no AJ — fundos da ASPTJ e da LCJ — existem só alguns jornais do PCP, enviados de Paris. Contudo, o seu número é reduzido, havendo anos sem qualquer traço documental (1955) e, nos restantes, há raramente vinte páginas de documentos.

Belgrado, Dezembro 2008

⁶⁶ Telegrama cifrado do MNE de 12/VI/56 (AHD MNE, PEA M299). Embora a Declaração de Moscovo seja só de 20 de Junho, a citada visita de Tito começou no dia 1 desse mês. Esta confirmou a anterior Declaração de Belgrado (Jun./55), assinada por ocasião da visita de Hrushetchov à Jugoslávia, e completou o processo da normalização das relações entre a Jugoslávia e a URSS que se tinha iniciado após a morte de Staline (Mar./53).

As Relações Jugoslavo-Portuguesas (1941-60) Nos Arquivos De Belgrado

RESUMO

As relações jugoslavo-portuguesas (1941-60) têm 4000 páginas de documentos nos arquivos de Belgrado (AJ e ADMNE). Dois períodos: 1º.) da reabertura da legação jugoslava em Portugal (Fev./41) ao seu encerramento (Abr./48); 2º.) de 1949 a 1960. A invasão e a ocupação da Jugoslávia (Abr.41) transformaram Portugal num ponto importante para o Governo do Reino da Jugoslávia no Exílio (Londres) e os refugiados jugoslavos. Após Maio de 1945, os diplomatas da Jugoslávia Democrática Federativa apoiaram a oposição antifascista (MUNAF, MUD e PCP). O interregno (1949-60) resultou da suspensão das relações diplomáticas (Abr./48) e partidárias (também, nesse ano, entre o PCP e PCJ).

PALAVRAS CHAVE:

Relações jugoslavo-portuguesas (1941-60); Legação jugoslava em Portugal (1941-48); Refugiados jugoslavos em Portugal (1941-45); Apoios jugoslavos à oposição antifascista (1945-48); Arquivos de Belgrado.

Les Relations Yougoslaves-Portugaises (1941-60), dans les Archives de Belgrade

RESUME

Les relations yougoslaves-portugaises (1941-60) ont 4000 pages de documents, dans les archives de Belgrade (AJ et ADMNE). Deux périodes: 1^{ère} période de la réouverture de la légation yougoslave au Portugal (février/41) à sa clô-

ture (avril/48); 2^{ème} période) de 1949 à 1960. L'invasion et l'occupation de la Yougoslavie (avril/41) transformèrent le Portugal en un point important pour le Gouvernement du Royaume de Yougoslavie en Exil (Londres) et les réfugiés yougoslaves. Après mai 1945, les diplomates de la Yougoslavie Démocratique Fédérative soutinrent l'opposition antifasciste (MUNAF, MUD et PCP). L'interregne (1949-60) a résulté de la suspension des relations diplomatiques (avril /48) et partisans (cette année-là, également, entre PCP et PCJ).

MOTS-CLES:

Relations yougoslaves-portugaises (1941-60); Légation yougoslave au Portugal (1941-48); Réfugiés yougoslaves au Portugal (1941-45); Soutiens yougoslaves à l'opposition antifasciste (1945-48); Archives de Belgrade.

Yugoslav-Portuguese Relations (1941-60) In The Records Kept In Belgrade

ABSTRACT

Yugoslav-Portuguese relations (1941-60) are the subject matter of 4000 pages of records kept in the Belgrade archives (AJ and ADMNE). Two periods: 1st) from the reopening of the Yugoslav legation in Portugal (Feb./41) until its closing (Apr./48); 2nd) from 1949 to 1960. After the invasion and occupation of Yugoslavia (Apr.41), Portugal became a point of reference for the Government of the Kingdom of Yugoslavia in Exile (London) and for Yugoslav refugees. After May 1945, the diplomats of Democratic Federal Yugoslavia lent their support to antifascist opposition (MUNAF, MUD and PCP).

During this break (1949-60) diplomatic relations (Apr./48) and between parties were suspended (as were the ties between the Portuguese communist party and the Yugoslav communist party that very same year).

Key-words:

Yugoslav-Portuguese relations (1941-60); Yugoslav legation in Portugal (1941-48); Yugoslav refugees in Portugal (1941-45); Yugoslav support to the antifascist opposition (1945-48); Archives in Belgrade.

SIGLAS USADAS

AD MNE – Arquivo Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros

AJ – Arquivo da Jugoslávia

EIC – Estado Independente da Croácia

EPJ – Exército Popular Jugoslavo

LCJ – Liga dos Comunistas da Jugoslávia (após 1952)

MUD – Movimento de Unidade Democrática

MUNAF – Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista

PCJ – Partido Comunista da Jugoslávia (até 1952)

PCP – Partido Comunista Português

31 de Julho de 1941

Exm Sr. Director da Policia de Vigilancia
e Defesa do Estado

L I S B O A

Excelentissimo Superior Director

Encontra-se preso na sede da P.V.E.D.E. em Coimbra o estudante
Zdravko Lenacok que reside em Sintra e dai se dirigiu em passadio de bicicleta aquela
Cidade.

O referido estudante aguarda em Sintra o momento de sair de Pais
o que a Legação supõe seja num futuro proximo.

Posto isto, a Legação pede e agradece a V.M.M.E. que a manda repre-
sentar a Sintra.

A Legação apresenta a V.M.M.E. os seus mais sinceros agradecimentos
e boa esola os protestos de sua elevada consideração.

Cópia de carta da Legação da Jugoslávia (31.Jul.1941)

“RECORTE”

Rua de Madalena, 46, B.
LISBOA
Telefones: 23552 e 20818

Entregamos aos Esq.ºs. Assinantes a nossa
oficina de livros adquirindo, em alta e em
baixa, os recortes que forem reco-
tando, formando assim coleção de arti-
culos, úteis para pesquisa e consulta de
luzo.

O PRIMEIRO DE JANEIRO
PORTO

14 AGO 1942

MORTE DO SECRETÁRIO
da Delegação da Jugoslávia
e de sua esposa

Em um momento, portanto, da vida
da sua esposa, em Lisboa, em 16 de
agosto, morreu, após um ataque de
doença cardíaca, o Sr. Jovanovic, ex-
ministro da Jugoslávia, e sua
esposa, Sr. Jovanovic, nascida em
Bela Patra, com 40 anos, e filha
de uma família de agricultores. O
Sr. Jovanovic, ex-ministro da Jugoslávia,
foi assassinado em Belgrado, em
1941, durante a ocupação alemã.
A Sr. Jovanovic, nascida em Bela
Patra, veio para Lisboa com o Sr.
Jovanovic, em 1941, e viveu com
ele até ao dia da morte. Ela
foi encontrada morta, com a
cabeça coberta por um lençol,
no quarto onde ela dormia, e
sem nenhuma ferida visível.

“RECORTE”

Rua de Madalena, 46, B.
LISBOA
Telefones: 23552 e 20818

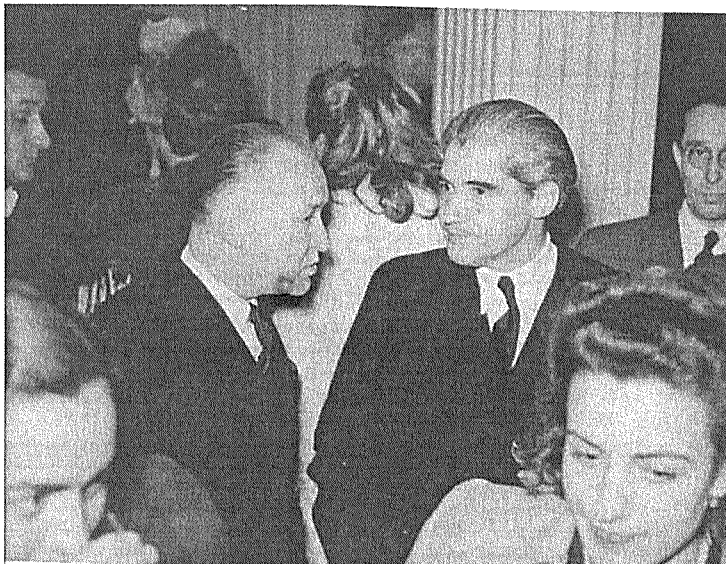
Entregamos aos Esq.ºs. Assinantes a nossa
oficina de livros adquirindo, em alta e em
baixa, os recortes que forem reco-
tando, formando assim coleção de arti-
culos, úteis para pesquisa e consulta de
luzo.

10 AGO 1942

O CASAL ESTRANGEIRO

que se refere morte na sua casa
15 de Agosto foi ontem publicado

Constatamos com surpresa que o Sr.
Jovanovic, ex-ministro da Jugoslávia,
foi assassinado em Belgrado, em
1941, durante a ocupação alemã.
A Sr. Jovanovic, nascida em Bela
Patra, veio para Lisboa com o Sr.
Jovanovic, em 1941, e viveu com
ele até ao dia da morte. Ela
foi encontrada morta, com a
cabeça coberta por um lençol,
no quarto onde ela dormia, e
sem nenhuma ferida visível.



D. Iovanovitch e Bento de Jesus Caraça (29.Nov.1946)



Mário de Azevedo Gomes, António Sérgio, Tito de Morais e
Ferreira de Castro (29.Nov.1946)

DECLARAÇÕES FIDUCIARIAS

12023



- 1- Nom: Álvaro Cunhal. Pseudonyme: Duarte. Responsabilité actuelle: membre du Secrétariat du Parti Communiste Portugais et du Conseil National d'Unité Anti-Fasciste.
- 2- Je suis militant des organisations communistes légales portugaises depuis 1931.
- 3- J'ai participé au VI Congrès du KIM à Moscou, en 1935, comme secrétaire général de la Fédération des Jeunes Communistes Portugais. Je suis rentré au Portugal au commencement de 1936 et je fus alors élu pour le CC du PCP.
- 4- En juillet 1936, je fus envoyé en Espagne, avec une mission du PCP et je fus à Madrid les deux premières mois de la guerre. Au commencement de 1937, je suis rentré de nouveau au Portugal.
- 5- Je fus arrêté en 1937. Torturé, je n'ai fait aucune déclaration et fus libéré après un an de prison.
- 6- En 1939, je fus élu pour le Secrétariat du PCP qui commença une lutte énergique contre les provocateurs et les agents qui travaillaient dans les rangs du PCP. Cette même année je fus envoyé pour une campagne militaire disciplinaire et en 1940 je fus arrêté, je n'ai pas fait des déclarations et je fus remis en liberté après 6 mois de prison.
- 7- J'ai participé activement à la Réorganisation générale du Parti en 1940, qui libéra le PCP de la provocation et qui fut très constructive. Pendant les années de la guerre, un fort parti, lié aux larges masses travailleuses et démocratiques.
- 8- Je suis membre du Secrétariat du PCP depuis 1942. Je suis membre du Conseil National d'Unité Anti-Fasciste, depuis sa création, en 1943. Il y a 6 ans, je mène une vie clandestine au Portugal.
- 9- Peuvent certifier ces faits:
 - a) Mon activité jusqu'à 1936: le camarade Raymond Guyot, (alors Sec. Gen. du KIM et à présent membre du Bureau Pol. Litique du PC Français); le camarade Santiago Carrillo (alors de la Direction des F.F.U. d'Espagne et à présent membre du B.P. du PC d'Espagne).
 - b) Mon activité à Madrid en 1936: le cam. Raymond Guyot et le cam. Victoria Codrilla (de la Direction du PC d'Argentine).
 - c) Mon activité après la Réorganisation du PCP en 1940: le CC du PC d'Espagne et particulièrement le cam. Santiago Carrillo; le CC du PC du Brésil et particulièrement le cam. Luis Carlos Prestes; les camarades du PC de l'Union Sov. qui ont été à ~~Madrid~~ la Légation de l'Union Sov. à Lisbonne; des matériaux clandestins (rapports) du PC signés avec mon nom.
- 10- Je donne des informations complémentaires, qui soient jugées nécessaires.

Documento (Primeira página) entregue por Álvaro Cunhal em Belgrado (Dez. 1947)

ÍNDICE

I – A legação jugoslava (1941-48)	9
I.1 - A guerra (1941-45)	10
I.1a - O «caso Trpkovitch»	13
I.1b - Vários grupos de refugiados	15
I.1c - A legação: funcionários, actividades e refugiados	20
I.2 - O pós-guerra (1945-48)	25
I.3 - Os documentos e arquivos	29
II – De 1949 a 1960.	29
II.1 – Um (quase) interregno	31
II.1a - Documentos: vistos e uma viagem a Portugal	31
II.1b - Tentativas de reabertura da legação jugoslava	33
II. 2 - Os documentos e arquivos	35

Os Cadernos do CEIS20 são publicados pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra-CEIS20.

Esta publicação, de pequena dimensão, tem por objectivo dar a conhecer resultados parciais ou finais de pesquisas realizadas no âmbito deste Centro e reflectem, por isso, a actividade de investigação efectuada. Os trabalhos publicados têm que ser inéditos e devem incentivar o debate de temas e de problemas do século XX.

Coordenação: João Rui Pita

